

CRIAÇÃO DIDÁTICO-POÉTICA NA ARTE

POETIC THOUGHT IN ART CREATION

Ana Beatriz Barroso

Professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (VIS-UnB)

106

Resumo: O texto discorre sobre o substrato poético de alguns estudos e pesquisas teórico-práticos desenvolvidos no âmbito da educação em artes visuais na Universidade de Brasília, revelando a dupla face do desejo e da necessidade de se realizar um trabalho didático transformador e artístico.

Palavras-chave: didática, poética, artes.

Abstract: This paper is about the poetical essence of some theoretical and practical studies and researches developed on education in the visual arts at the University of Brasilia, revealing the double face of desire and necessity involved in a transformative and educational process.

Keywords: teaching, poetical, arts.

Duas visões pessoais norteiam meus passos certos e incertos pela estrada ou teia tênue delineada em minha lida universitária comprometida com o uso de tecnologias contemporâneas no ensino da arte. A educação é, simplesmente, convivência; educar é um modo de conviver. Na complexidade do mundo contemporâneo, isso se traduz em uma forma de se situar no tempo e no espaço que nos são dados viver, tecendo relações. Outras visões somam-se a essas. A mais sintética delas percebe a educação, essencialmente, como um processo de transformação. Nesse sentido, o que aqui se conta são algumas mudanças que pude observar e traduzir, em mim e no meu meio ambiente de trabalho, em razão do que ali desenvolvo.

O relato tem o intuito de compartilhar reflexões e experiências oriundas de pesquisas em arte, especialmente relacionadas à educação em artes visuais. Não se restringe, contudo, a este campo, mas se abre para questões diversas na medida em que relembra e sublinha a função paidêutica da arte: a arte age como um transformador da pessoa, das mentalidades e das reais condições de vida. Ao valorizar essa função da arte, o texto procura resgatar a beleza do sentido didático, comumente desprezado e visto como secundário, menor ou vergonhoso na obra artística. Sem confundi-lo com o professoral ou com o explicativo, a escrita poética pode dotar de força renovada esse sentido. Ao fazê-lo, espera apontar para uma postura crítica acerca da educação no universo abrangente das artes do espetáculo.

O cineasta Andrei Tarkovski (1990) divide conosco uma idéia interessante, segundo a qual a arte teria, entre outras, a função de nos preparar ou educar para a morte. Quem convivesse com a arte e nela se cultivasse teria, assim, serenidade, tranqüilidade e entendimento para aceitar o que é naturalmente inaceitável para nós humanos, mortais. Assim preparada ou esteticamente trabalhada, a pessoa poderia receber com dignidade o fim – o seu próprio e o dos seus entes queridos – quando estes chegassem.

Como não são poucos os artistas que trabalham como educadores, tanto no presente, quanto historicamente, considero relevante trazer à tona questões acerca de uma didática poética, a qual venho desenvolvendo nos últimos tempos. Companhias de teatro e dança, de Pina Bausch a Merce Cunningham e Grupo Corpo, artistas diversos, Constantin Stanislavski, Augusto Boal e inúmeros outros, Wassily Kandinsky, Fayga Ostrower, docentes da Bauhaus e de cursos de artes visuais espalhados pelo Brasil e pelo mundo afora nos dias de hoje, trabalham nessa perspectiva casada de fazer e pensar a arte e a educação, como processos distintos mas indissociáveis. Ensaios, exercícios, leituras, confrontos e realizações, ao fim, talvez, espetaculares, são assim frutos de um mesmo movimento

de criação, a qual denomino didático-poética por seu caráter duplamente facetado, onde reflexão e imaginação metamorfoseiam-se no próprio devir.

AVE: Ambiência Virtual de Estudos

Atualmente me concentro no estudo do que venho chamando de livros virtuais. Esse conceito se originou na idéia de AVE (Ambiência Virtual de Estudos), que alude à ideia de AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), expressão já corriqueira na literatura especializada em educação à distância. O raciocínio foi relativamente simples: nas comunicações em torno dos processos de ensino e aprendizagem, quase nunca se ouvia falar em estudo. Eu, pelo menos, sentia falta de ouvir pessoas menos preocupadas em ensinar e em aprender, e mais ocupadas em estudar e compartilhar seus processos de estudo e de conhecimento. Junto a essa falta, sentia também que o estudo, ele mesmo, era e é o que nós temos em comum, nós, os envolvidos com a educação em artes (visuais, cênicas, musicais) – artistas, professores, alunos e pesquisadores. O estudo é potencialmente nosso elo de união. Precisávamos, portanto, de um lugar para estudar e para compartilhar nossos estudos e seus frutos. Como passamos, hoje em dia, horas e horas no computador (ou,

mais precisamente, na rede mundial de computadores e, portanto, no ciberespaço), pensei, assim, que precisávamos de um ambiente virtual de estudos, de um recanto composto por vários ambientes interligados, formando por isso uma ambiência virtual de estudos, uma AVE.

Esse lugar seria também um lugar de leitura e de escrita, de descobertas e anotações, pois quando estudamos quase sempre tomamos notas, registramos esquemas e, claro, perdemos-nos por entre páginas de autores diversos. Não é vão lembrar que, pelo fato desse lugar se situar no ciberespaço, nossa leitura e nossa escrita, ali, era e é necessariamente hipertextual e multimídia. Além daquela falta, aquela lacuna ressentida em relação à ideia de estudo (essa fase constante na vida universitária e anterior à pesquisa propriamente dita), minhas AVEs surgiram de uma necessidade real de realizar anotações em um lugar que já não podia mais ser um simples caderno, pois este já não comportava uma série de textos que eu precisava ter ao alcance da mão e cujas linguagens extrapolavam a dimensão da escrita: eram vídeos, animações, outros *sites*, um conjunto de fotos e desenhos, entrevistas e pequenos documentários, enfim, formas que não cabiam mais em folhas de papel.

“Palavras, palavras, palavras” – na vida real, estas têm pouco significado, e só

raramente, e por muito pouco tempo, pode-se testemunhar uma perfeita harmonia entre palavra e gesto, palavra e ato, palavra e sentido. Pois, em geral, as palavras de uma pessoa, seu estado interior e suas ações físicas desenvolvem-se em planos diversos. (TARKOVSKI, 1990, p. 87)

Em termos semióticos, as AVEs nos permitem ir além do signo verbal, da palavra, e propor outras dimensões de articulação. Nelas, o texto enquanto tessitura fina de sentidos múltiplos pode adquirir contornos variados e comunicar valores por meio de cores, disposições gráficas, ritmos visuais, composições sonoras, volumétricas e semânticas. Certa convergência de sensações plásticas, musicais, ímpetos interativos e significados ambíguos pode ser explorada e vivenciada de modo direto, gerando processos de significação que passam efetivamente pelo estético e pretendem tocar a pessoa não só em sua intelectualidade.

Como essas AVEs são feitas com tecnologias acessíveis, fáceis de usar – tanto pelos possíveis autores, quanto pelos possíveis leitores – uma vez compreendido seu potencial de transformação, elas podem se multiplicar e, nessa multiplicação, ventilar os ares da cibercultura, especialmente no que tange os meios de cultivo das artes, quaisquer que sejam elas, das literárias às espetaculares. Esses meios, mais do que outros, necessitam de formas de comunicação irisadas, que dêem conta

da leveza e da gravidade da estética na atualidade, das tensões do fazer artístico e da diversidade poética teoricamente possível no mundo contemporâneo. Essas AVEs são de certo modo contra-culturais no sentido de apontarem para um uso insuspeito, inusitado e imprevisito de tecnologias amplamente disseminadas pela indústria informacional com vistas a outras finalidades. A partir de pequenas subversões, a arte e o uso original de ferramentas de comunicação por artistas comprometidos com a educação, em sentido amplo, provocam alterações cujas conseqüências podem apenas ser pressentidas no presente.

Livro-lugar

A idéia de AVE me levou a formular a de livro-lugar. Sim, pois dentro de um lugar de estudo onde efetivamente estudamos se não nos livros? E não seriam esses fabulosos meios de comunicação, em sua portabilidade e facilidade de manuseio, já, em si, lugares privilegiados de estudo, de elaboração e de abertura do conhecimento? Os livros são, historicamente, meios de comunicação extremamente propícios para a guarda, o trabalho transformador e a transmissão de saberes, conhecimentos e

culturas. Em vez de buscar novas formas para o livro no universo da mídia eletrônica, percebi que o livro é bem mais um conceito que ganha formas distintas ao longo do tempo. Desse modo, não foi difícil ver que o velho sonho de Jorge Luis Borges (e de tantos outros) do livro como universo e do universo como biblioteca, estaria em nossos próprios olhos, conduzindo nossa própria postura, levando-nos a nos relacionarmos com o mundo de modo particular.

O universo (que outros chamam a Biblioteca) é composto de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no meio, cercado de balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêm-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. (BORGES, 2007, p. 69)

Sendo assim, eu poderia e pude ver com meus próprios olhos o que já havia lido em alguns teóricos: a Internet como imensa biblioteca, composta por inúmeros livros, que eram *sites* desorganizados entre si. Quando fui colocando um pouco de ordem nesse caos hipertextual, percebi que estava, eu mesma, escrevendo alguns livros, criando lugares onde as coisas (em fluxo frenético) podiam se acalmar, deixar-se ver e sentir, serem efetivamente estudadas.

Nem todos esses livros estão concluídos e nem sei se de fato um dia estarão por ser tal incompletude, favorecida pela cibercultura, um traço diferencial entre os livros virtuais e os impressos e eletrônicos. Estes últimos são, ambos, produtos acabados, concluídos e comercializáveis. Os “meus” livros virtuais, livros-lugares, são só potencialmente livros, daí o adjetivo que os qualifica, a virtualidade, pois são livros apenas na medida em que quem neles entre perceba a força de comunicação característica dos livros e se disponha a lê-los, neles tecer sentidos de modo sensível e inteligente. Escrevi e vendo escrevendo, portanto, alguns livros virtuais, todos disponíveis e abertos. Cito-os aqui, em ordem de aparição.

Ateliê Aberto: minha primeira AVE, que nem sequer se sabia AVE, acho que essa idéia de ave veio, em termos reais e não conceituais, daqui. É um livro quase mudo, quase portfólio, quase álbum, mas efetivamente lugar de experimentação, estudo e arte, daí seu nome e sigla. Vide <<http://www.abeatrizb.com>>.

Animaemrede: esse já incorpora o conceito de AVE e em troca dá a esse força material, surge como trabalho de conclusão do curso de especialização em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas, Arteduca

(Departamento de Artes Visuais, Instituto de Artes, UnB). É um livro dedicado ao estudo introdutório do cinema de animação. Vide <<http://animaemrede.blogspot.com>>.

Avesavessas: livreto ou apenas folha solta, mais que livro, esse lugar se configura quase apenas só como um índice ou mapa de navegação pessoal que me dá acesso rápido e personalizado para os lugares aos quais preciso ir diariamente, ver meu gado engordar. Para mim, a Internet é mais ar que água, por isso quando nela estou não sinto que navego, mas que vôo. Repare que um livro aberto, visto de perfil, tem o desenho simplificado de uma gaivota, é perfeito para voar... fiz por isso minha própria asa delta cibernética, que é esse pára-lugar. Vide <<http://avesavessas.blogspot.com>>.

Pássaro das mil línguas: livro didático-poético que venho escrevendo sobre os fundamentos de linguagem no contexto da arte. Esse, sim, já é objeto concreto de pesquisa e luta. Origina-se da minha vontade de ter um material de apoio para a disciplina Fundamentos de Linguagem e um lugar onde eu possa guardar alguns trabalhos de alunos. Penso que precisamos desenvolver uma espécie de sistematicidade de reciclagem

epistemológica em nossos cursos, pois observo que às vezes geramos muito material no âmbito das disciplinas acadêmicas ou em oficinas, alguns de fato interessantes, e passado o curso eles simplesmente vão para o lixo, ou para gavetas e prateleiras, virar ou ganhar pó. Enquanto isso, há uma gama enorme de estudantes, em nosso curso de Licenciatura em Artes Visuais à distância, por exemplo, com uma carência imensa, para os quais o contato com esses (e outros) trabalhos poderia ser instrutivo e inspirador. Vide <<http://ateliedelinguagens.blogspot.com>>.

Estúdio de arte eletrônica: livro de imagens apenas. Reuni nesse espaço os trabalhos de uma de minhas turmas de arte eletrônica, com o mesmo intuito já descrito acima. Pretendo ainda incluir alguns exercícios de outras turmas com as quais trabalhei no LIS, laboratório de imagem e som (Departamento de Artes Visuais, UnB). Vide <<http://atelieletronico.blogspot.com>>.

Textos teatrais: trata-se aqui de uma série de livros simples feitos a partir dos textos dramaturgicos do colega, professor Dr. Marcus Mota. Como ele me explicou, falta interesse das editoras em publicar esse tipo de texto e, por outro lado, diretores, atores

e professores de artes cênicas ressentem essa falta, porque precisam muito desses textos teatrais, tanto para estudar, quanto para suas realizações. Fizemos um primeiro livro, chamado “O filho da costureira”. Sua estrutura deve ser seguida por outros, não só da série, mas também do que tenho pensado como livro virtual, cuja arquitetura se fundamenta em quatro tipos de material: imagens estáticas (fotografias e desenhos), imagens em movimento (vídeos, entrevistas, animações), texto em linguagem escrita e, finalmente, conexões e aberturas para outros lugares afins, os *links*. No caso desse livro, já confeccionado, temos, por exemplo, o texto propriamente dito da peça, o vídeo da peça montada (ou seja, as imagens do espetáculo), uma entrevista que gravei com Mota sobre o processo criativo dessa peça, sua genealogia, digamos assim, e a leitura dramática do texto, feita pelo próprio autor. Vide <<http://ofilhodacostureira.blogspot.com>>.

Atualmente, dou continuidade a essa pesquisa com alunos de iniciação científica na pesquisa descrita adiante. O embasamento metodológico se dá por meio de leituras, teóricas e literárias, e realizações práticas. Essas pretendem realizar livros virtuais simples, oriundos de

cadernos virtuais de anotações da pesquisa empreendida, e explorar a entrevista como meio de investigação e sondagem do ser humano, pleno de loucura, lucidez, beleza e sonho. Já as leituras giram em torno da cultura brasileira no contexto mundial e cibernético. Acrescente-se como fonte de instrução uma pequena cartografia ciberespacial, com *websites* de estudo, e uma filmografia relacionada direta e indiretamente com o assunto.

Livros Virtuais

Ainda em fase germinal, apesar das experimentações prévias em forma de AVEs e livros-lugares, essa pesquisa, assim como as outras aqui descritas, é teórica e prática. Com esse duplo caráter, volta-se para a investigação das possibilidades estéticas do livro no ciberespaço, especialmente no campo da educação em artes visuais. Inicialmente, averigua-se o entendimento e a prática corriqueira do livro eletrônico: tecnologias envolvidas, recursos utilizados, modos de circulação. Percebe-se que o livro eletrônico reproduz a lógica da indústria editorial e de seu mercado, fechando-se para quem não pode pagá-lo, zelando pelas velhas zonas de inacessibilidade, ignorando a liberdade criativa proporcionada pela linguagem multimídia e hipertextual, limitando-se a

repassar para a microtela, mais reativa que propriamente interativa, o que já havia na página impressa. Por tudo isso, logo em seus primórdios a pesquisa nos mostrou que não era o livro eletrônico o que queríamos, mesmo porque, hoje, ele não tem segredo, não há o que nele investigar do ponto de vista que nos interessa – a didática poética, com todas as suas implicações e compromissos pessoais e sociais. O autor, por exemplo, desse livro eletrônico, permanece o mesmo e na mesma situação desconfortável de dependência de uma estrutura que lhe escapa, cujos valores nem sempre são compatíveis com os seus. Normalmente ele continua tendo que escrever primeiro e passar depois a obra para quem, mantendo o monopólio dos programas de editoração eletrônica e dos equipamentos necessários para a feitura e leitura do livro, encarrega-se de produzi-lo, distribuí-lo e com ele lucrar. Ou então, entendendo o livro eletrônico como um arquivo PDF (*portable document file*), o que é perfeitamente legítimo, continua sendo suficiente a simples transposição, com alguns requintes de sofisticação em termos de *design gráfico* e índice interativo, do texto escrito (*monomídia*) para o digital. Não havendo, portanto, o que nos instigue à investigação no que hoje se chama de livro eletrônico (*e-book*), tratar-se-ia apenas de produzir livros eletrônicos, se fosse esse o caso.

Como não é, a pesquisa Livros Virtuais rememora a história do livro, desde os códices até os *Kindles*, no contexto maior do desenvolvimento geral dos meios de comunicação, a fim de gerar de fato conhecimento teórico e poético acerca do livro em nossa época. Cria-se uma clivagem clara entre livro virtual (conceito, este, por mim criado e apresentado anteriormente em outra oportunidade¹), já escrito e lido em linguagem multimídia, aberto a conexões hipertextuais e a experimentações interativas, solto no fluxo informático da rede mundial de computadores, de fácil acesso, tanto para o escritor quanto para o leitor, e o livro eletrônico, completo, pronto para ser comercializado, descarregado no computador e lido, *à l'ancienne*. Parte-se, portanto, do “velho e bom” livro impresso, lenta e fascinante criação humana. Concentra-se nas aventuras do artista e do poeta nesse veículo, da palavra e da imagem impressas: livro de artista, livro de arte, livro da arte, livro-objeto, livro-poema, livro-obra etc. Felizmente, não somos os primeiros a pisar nesse solo movediço. O tema vem despertando o interesse de alguns tantos estudiosos, de modo que não nos têm faltado boas pistas, referências e classificações elucidativas. O que vislumbramos como

1 Expus publicamente esse conceito no texto “Arte, conhecimento e livros virtuais”, apresentado em agosto de 2011 no #10.ART Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, realizado em Brasília.

ponto de chegada, porém, parece-nos ainda inatingido. Prosseguimos, então, desbravando, motivados por uma constatação muito simples.

Há enorme carência por materiais didáticos – no sentido denso do termo, didático-poéticos, como explicamos – no campo da educação em artes visuais. Essa pesquisa visa de algum modo começar a suprir tal carência, ao propor livros em forma de ambiências virtuais de estudos, acessíveis gratuitamente nos dispositivos típicos da cibercultura. Confundidos com lugares abandonados na imensidão da rede mundial de computadores e seus tentáculos eletrônicos portáteis, os livros virtuais são livros-lugares de fácil realização do ponto de vista tecnológico, pois isso garante que eles sejam feitos e lidos por muita gente ou por qualquer um, onde prevalece a linguagem escrita, mas coexistem outras, multimídia, hipertextuais e interativas.

A didática poética

Percebe-se sem dificuldade que ninguém aprende sozinho, mas, justamente, com os outros. Ainda que haja grandes espíritos autônomos, com tenacidade bastante para perseguir seu ponto obscuro, às vezes com uma mísera vela na mão, ainda que esse solitário obstinado se assemelhe

ao pesquisador, não, não se aprende sozinho. A ilusão do autodidatismo se cria porque o outro que nos ensina, tanto hoje como em outras épocas, já não está mais necessariamente ao nosso lado, corporificado. Dele, dela, restou a voz, como uma estrela cuja luz vemos no céu e que já não existe mais. Aquela voz distante chega a nós por meio de livros, por meio de lembranças, por meio de um cheiro, por meio do que quer que seja que um dia tenha nos tocado profundamente, mesmo que no momento não tenhamos tido consciência de termos sido tocados. Não, que a mediação extrema na qual nos educamos diariamente não nos torne ingratos porque, ainda que de modo discretíssimo, quase invisível, o outro estava lá, o outro está aqui, nas ondas do rádio, no *layout* dessa página, na imaterialidade da cultura, na infinidade de objetos impregnados de cultura, o outro estabelece conosco contato e desse contato, do modo como ele é feito e do modo como o recebemos, depende nossa sobrevivência.

Isso não é exagero. Trata-se efetivamente de assegurar a sobrevivência de nossa espécie e, dentro de nossa espécie (humana), nossa micro espécie (de artistas). Não somos poucos, mas precisamos sobreviver, comer, amar, dormir, criar. Isso não é tão evidente. Vamos em espiral. Consumimos cultura e contra-cultura. Viver na pele os paradoxos da complexidade contemporânea não é tranquilo. Ainda assim há calma. A inquietação da pessoa

extravaza-se por veios ínfimos na superfície do solo social que pisamos e onde nos deitamos e de onde viemos e voltamos até que voltemos um dia lá para dentro, virar pó, destino óbvio que não se aceita.

A natureza não é um objeto (*Gegenstand*) inerte, que se pode utilizar à vontade; tem uma força intrínseca que se investe, segundo as ocorrências, de fatos de cultura, e que não deixa, assim como veremos mais adiante a propósito do espaço, de fazer sociedade. De um modo particularmente evidente, esses investimentos exprimem-se na poesia. Essa, de uma maneira paroxística, é um resumo do mundo no seu todo. (MAFFESOLI, 1996, p. 243)

Vem daí que há de haver lugares onde as pessoas possam estabelecer contatos ao acaso a fim de se educar sem sequer perceber, por convívio. A educação sendo assim uma convivência transformadora. A didática, um processo de realização atento ao próprio processo, poético na medida em que se inventa enquanto se faz e neste inventar se comunica. Sim, pois o poético implica nessa necessidade de comunicação, de dizer e compartilhar. O espanto é tanto que já não cabe em si e o poeta, esse ser espantado, ainda que o dissimule sob mil máscaras, revela-o nas entrelinhas do escrito, no avesso de seus versos, no reverso de sua existência que se torna mais existência no verso e no verso, entenda-se, na arte, porque o sentido subjacente ao que se

cristaliza na palavra verso se estende a outras linguagens e o signo assim versificado já não é apenas o lingüístico, verbal, mas qualquer, qualquer, qualquer, outro. A didática poética nas artes seria, portanto, uma transformação lenta que se dá por meio da convivência em torno de uma técnica ou de um assunto que as pessoas envolvidas em um processo e numa situação comum compartilham. É um texto tecido a múltiplas mãos, visíveis e invisíveis, próximas e distantes, em um dado contexto; é a trama que liga um ao outro, o texto ao contexto, num vai e vem que se dilui no próprio discurso, tornando a mensagem opaca, densa, intransponível. Não mais que isso. Apenas a ruminância disso. O desdobramento disso.

AcervoVIS

Pois bem, o desdobramento espiralado dessas criações didático-poéticas tem sido uma pesquisa que tem como objetivo um acervo de materiais didáticos e afins das artes visuais. Este acervo seria inteiramente virtual e de domínio público, aberto a todos no ciberespaço. Dele, interessa relatar aqui o processo, posto que o resultado poderá ser fruído pessoalmente por quem quiser. A didática poética na educação em artes, embora gere obras, cujo valor, sempre relativo ao processo gerador

dessas obras, pode ser pressentido diretamente por quem quer que seja, deve ser estudada justamente em sua dimensão processual, enquanto processo gerador de obras. Isso porque ao que é paidêutico interessa as transformações. O que é a educação se não um longo e contínuo processo de mutação que vai do pessoal ao coletivo e vice versa?

Na origem daquele acervo, que se denominou AcervoVIS, estava uma passagem radiofônica. Em um programa sobre Cartola, ouvi que este não tivera acesso à boa educação formal, pois no morro onde ele morava as condições de escolaridade eram bastante precárias. Contudo, havia por lá uma biblioteca. Esta biblioteca, ele freqüentava com assiduidade. Nela entrou em contato com Fernando Pessoa e outros grandes poetas. Isso fez a diferença. Isso o marcou ou transformou profundamente. Esse fato, fez-me pensar na importância de dar acesso ao conhecimento, reuni-lo, ordená-lo e deixar que as pessoas se sirvam dele à vontade, pois, se o autodidatismo é um pouco ilusório, a autopoiesis não o é. Conceito oriundo de Varela e Maturana (1980), a autopoiesis traduz um processo no qual a pessoa se inventa, se cria e se recria segundo sua própria estrutura, adaptando-se às circunstâncias, como se a vida fosse uma dança coreografada pela música que vem da

intimidade, inaudível ou invisível a olhos nus, mas perceptível a olhos afeitos à obscuridade da noite dos tempos imemoriais, dos processos moleculares de autoprodução e autorregulação subjacentes à interação do indivíduo com o meio.

O AcervoVIS seria assim um meio, um desses meios, especialmente favoráveis à percepção de processos autopoieticos. Ninguém melhor para nos educar em artes que os próprios artistas e suas obras, que os próprios poetas e seus versos, que as falas desses seres sobre suas poéticas. Há, por isso, naquele acervo, um canal de entrevistas audiovisuais chamado Memória & Invenção. Há, por isso, naquele acervo, conjuntos de conexões (*links*) para grandes e pequenos museus, para galerias de artistas renomados e de artistas em busca da imortalidade, e para espaços que são como escolas virtuais sobre assuntos das artes – história da arte, fotografia, cinema de animação. Há ainda vídeos sobre processos criativos e algumas imagens². Há de haver ainda muito mais coisa.

Porém, ainda que ele (o AcervoVIS) venha a crescer, não se quis fazer dele, no primeiro momento, um espaço auto-regulado no sentido biológico acima exposto, autopoietico, auto-producente, autônomo em seu crescimento. Há ferramentas tecnológicas para isso. Há belas

experiências nesse sentido, vide o projeto Desarquivo – www.desarquivo.org. É possível e até mais desejável e compatível com o discurso corrente no meio da arte-tecnologia fazer *sites* dinâmicos, com motor próprio, como automóveis nas infovias, capazes de se locomover ou de crescer por si mesmos ou de se atualizar autonomamente e autopoieticamente, como os seres vivos. No entanto, o que posso fazer, não foi assim que aconteceu com o AcervoVIS. Por uma série de razões, não foi assim. Ele, hoje, aparenta-se a uma casca sem seiva viva por dentro. É como se ele fosse a carcaça de um carro desprovido de motor (que no vocabulário especializado e americanizado se chama *engine*), fadado a não andar e, ainda por cima, uma carcaça incompleta, esquisita, meio feia, cheia de lacunas e irregularidades. Nem sempre somos felizes ao incorrer no risco da pesquisa, ao abraçá-lo verdadeiramente. E sabemos que ninguém gosta de compartilhar os insucessos, ainda que seja difícil, em arte, dizer acertivamente o que se entende por fracasso. Quanta leveza é necessária para se pisar em ovos e quanta gravidade para não quebrá-los! E no desespero trágico de ver o acervo assim, acode-me o ensinamento do poeta da Educação pela Pedra: “de fora para dentro, da casca para o fundo” (João Cabral de Mello Neto, citado de memória).

Seguindo essa voz, aprendi que lá no fundo, a razão da casca-acervo é uma só: no momento da pesquisa ainda se tateava no

2 Confira as entrevistas no canal Memória & Invenção, em <http://www.youtube.com/user/AcervoVis>, e o site do acervo: <http://www.acervovis.org>.

escuro uma estrutura. Mais que isso, procurava-se ainda uma substância material que estivesse na base da estrutura formal daquela obra, que fosse a raiz da forma que o acervo iria adquirir. Sonhava-se com um elemento primordial capaz de dar sustentabilidade à coisa, à obra-acervo, servir-lhe de fonte de vida duradoura e perene. Criar vida não é rápido quando se pretende que ela seja longa, que ela se transforme em si mesma infinitamente, perpetuando-se para além do gesto criativo original. A ambição ali não era pouca. Por isso, talvez, exigisse tanta paciência.

Nesse sentido ia-se contra uma consequência direta do discurso corrente: a volatilidade, o caráter efêmero de tudo que está no ciberespaço, a fragilidade da Internet como meio de comunicação e espaço para se guardar coisas e saberes, perpetuando-os ao longo dos séculos, representa em termos de transmissão de conhecimento, cultura, universos de valores. Ainda que como lugar de reunião, concentração, dispersão e troca de informações a rede seja hoje mais eficaz que as bibliotecas físicas, questionamo-nos como nossos textos e hipertextos multimídia atravessarão a história, chegarão às futuras gerações? Não é preciso pesquisar a fundo a Internet para saber que grande parte das coisas ali criadas e guardadas e compartilhadas e arquivadas não duram, não pretendem durar ou não

dão qualquer garantia quanto à sua duração. Durar não é tarefa fácil e talvez nem dependa exatamente de nós. Lembremos do mito das três Moiras.

Às determinações dessas fiandeiras do destino – Clotho, Lachesis, Áthropos – até mesmo os Deuses imortais estariam submetidos. A imagem célebre é a de que Clotho prepara a lã, Lachesis a fia, e Áthropos mede e corta o fio. O tamanho do fio fixa a duração de cada ser, a extensão de cada acontecimento – por exemplo, a extensão de uma vida humana – e esta predeterminação das durações de todas as existências nem mesmo o Olimpo pode revogar. Com essa imagem os gregos requerem predicar a submissão dos Homens mortais a esta Necessidade que sequer a onipotência dos Deuses pode violar. Ignorantes do Destino, fazemos escolhas para propiciar ou evitar esse ou aquele acontecimento, e essas escolhas não fazem acarretar exatamente o que era necessário, o que já estava prescrito. (OLIVEIRA, 2008, pp. 67-68)

Nosso destino pode não estar em nossas mãos, mas e o destino daquilo que criamos, não só por necessidade, mas também por vontade, desejo, estaria nas mãos de quem? Nossas apenas não, posto que a criação humana, qualquer que seja ela, necessita do outro, dos outros, para fazer sentido no mundo, para se tornar realidade. Admitindo que o destino de nossas criações esteja em parte em nossas mãos, sonhei ou quis que o acervo tivesse vida longa. Por essa razão levei certo tempo para encontrar a justa relação entre substância e forma, justa na medida em que fosse capaz de

potencializar sua duração, sua permanência, a partir de um dinamismo interno, ainda que aberto para o meio circundante, ainda que ansioso por, nele, gerar interações.

Desse modo, apresento aqui o desfecho dessa pesquisa, cujo resultado, ainda duvidoso, vale menos agora que o processo e que as reflexões por ele suscitadas. Amanhã pode ser que seja o contrário. De todo modo, nesse desfalecimento germina algo ou algo se deixa entrever: o outro desdobramento mencionado, a outra face da moeda, o verso ou avesso desse reverso, acervo titubeante, originário da mesma “ruminância” didático-poética. No acervo biblioteca, assim como no universo em movimento, precisamos agora encontrar, criar e ler livros virtuais, páginas e páginas de vida, vivências, “errâncias” e artes.

Artigo recebido em 18/10/2011

Aprovado em 05/12/2011

Referências Bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MATURANA R., Humberto; VARELA, Francisco J.. *Autopoiesis and cognition: the realization of the living*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1980.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1966.

OLIVEIRA, Luis Alberto de. In NOVAES, Adauto (Org). *Mutações. Ensaio sobre as novas configurações do mundo*. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.